

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UM CONFRONTO IDEOLÓGICO ÀS VÉSPERAS DO GOLPE:
O COMÍCIO E A MARCHA DE MARÇO DE 1964
NAS PÁGINAS DA FOLHA DA TARDE E DA ÚLTIMA HORA**

ANGÉLICA GOUVEIA MEDEIROS

Porto Alegre

2. Semestre

2010

UM CONFRONTO IDEOLÓGICO ÀS VÉSPERAS DO GOLPE:
O COMÍCIO E A MARCHA DE MARÇO DE 1964
NAS PÁGINAS DA FOLHA DA TARDE E DA ÚLTIMA HORA

ANGÉLICA GOUVEIA MEDEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Adolar Koch

Porto Alegre

2. Semestre

2010

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço pela força, determinação e humildade que me foram transmitidas por dois agricultores que vieram do interior de Camaquã para Sapucaia do Sul na década de 70 à procura de trabalho e moradia, sem, nem haverem concluído o Ensino Fundamental. Muito obrigada aos meus pais, Solange Gouveia Medeiros e Vitoriano Medeiros, pelo eterno amor e atenção que sempre tiveram comigo. Espero ter valorizado e retribuído, de alguma forma, seus esforços e dedicação.

Agradeço à minha única irmã, Aline Gouveia Medeiros, minha melhor amiga e companheira (de quarto também!). Obrigada pela paciência e disposição que sempre tivera para me ajudar em diversos momentos da minha vida – inclusive no desenvolvimento desse trabalho!

Obrigada ao meu companheiro Anderson Alves Pinto, ou Kenny Anderson, pela paciência em agüentar minhas manias e meu “gênio forte” ao longo dessa graduação e, espero, que continue da mesma forma após ela.

Muito obrigada às minhas amigas Isabel Cristiane Rekowsky e Caroline Acco Baseggio por estarem sempre dispostas a me ouvirem, me ajudarem, a trocar idéias e questionamentos, apesar dos meus constantes sumiços!

Muitíssimo obrigada ao meu professor orientador Adolar Koch que se mostrou, desde o primeiro momento, disposto a orientar esse trabalho, apesar do seu grande número de orientandos. Obrigada por transmitir, com humildade e carinho, o incentivo para a apresentação dessa pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I: O COMÍCIO DA CENTRAL	14
CAPÍTULO II: A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
FONTES	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

RESUMO

Este trabalho busca compreender a forma como a ideologia materializa-se na cobertura do Comício da Central e da Marcha da Família com Deus pela Liberdade realizada por dois importantes periódicos que circulavam no Rio Grande do Sul na década de 60: a *Folha da Tarde* e a *Última Hora*. Esses dois eventos simbolizaram o momento de radicalização entre as posições de esquerda e de direita no período que antecedeu ao golpe civil-militar ao polarizar e mobilizar a opinião pública. E a comparação dos dois jornais possibilita a compreensão dessa polarização, visto que ambos modificaram e foram modificados pelo seu contexto histórico, eles mobilizaram sentidos em direção à prática social ao mesmo tempo em que os sentidos da prática social mobilizaram o trabalho jornalístico. Ambos apresentavam muitas semelhanças: eram publicados em formato tablóide, circulavam mais ou menos no mesmo horário e na mesma região; mas, conforme veremos adiante, eles construíram sentidos totalmente diversos a partir dos eventos noticiados e comentados em suas páginas.

INTRODUÇÃO

As edições dos jornais *Folha da Tarde* e *Última Hora* dos dias 14 e 20 de março de 1964 contendo, respectivamente, as repercussões sobre o Comício da Central do Brasil e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, ocorridos nos dias anteriores, constituem as fontes de pesquisa do presente trabalho. O modo como os sentidos das formas simbólicas são articulados em suas páginas, representando as posições dos grupos de direita ou de esquerda, ao cobrir a repercussão e, ao mesmo tempo, repercutir esses dois importantes eventos, constituem o objeto dessa pesquisa.

O contexto analisado é o mês de Março de 1964: um momento de *percepção da crise de autoridade*, utilizando a definição de DREIFUSS¹. Esse foi o momento em que o embate ideológico tornou-se mais radical e latente nas páginas dos jornais, momento em que as forças de direita passaram a desenvolver seus discursos no sentido de direcionar a opinião pública para a legitimação do golpe, e as forças de esquerda passaram a acreditar na força dessa mesma opinião pública no sentido de pressionar o poder político para aprovar as reformas que visavam diminuir as desigualdades.

Esse contexto de crise de autoridade constituiu-se numa ameaça aos grupos de direita e resultou-se de uma combinação de diversos fatores: maior autonomia das reivindicações das classes trabalhadoras, isto é, a ascensão das “massas para si”; esgotamento e insuficiência dos canais institucionais e ideológicos de controle; incapacidade do sistema eleitoral e partidário tanto de desviar e, até mesmo, de disciplinar as reivindicações populares, quanto de oferecer “segurança” às classes conservadoras diante dessa organização popular².

Além disso, uma importante pesquisa sobre as eleições de 1960³ revelou outros aspectos do processo político-eleitoral brasileiro nos anos anteriores ao golpe. Dentre eles, é importante destacar os seguintes: a fragmentação partidária de centro-direita e as incoerências manifestadas entre as coalizões nos níveis municipais, estaduais e federal; o crescimento do PTB em detrimento do PSD e UDN, principalmente em decorrência da introdução de questões fortemente ideológicas; o crescimento das organizações políticas com tendência nacional-reformista; o enfraquecimento da união entre o PSD e o PTB; e, por fim, a constatação de que, se o direito ao voto fosse estendido aos analfabetos, haveria um crescimento da votação em direção aos grupos de esquerda.

¹ DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 136.

² Idem.

³ Idem, p. 137.

A bibliografia analisada sobre o período aponta uma desintegração dos canais institucionais e ideológicos de controle por parte do poder estatal e uma incapacidade do sistema partidário e eleitoral existente de desviar o descontentamento popular. Ou seja, o sistema não era capaz de “disciplinar” as formas de reivindicação, oferecendo “riscos” aos grupos conservadores - temerosos com a ascensão do chamado movimento de conscientização das “massas para si”.

A crise econômica do período era outro fator explosivo de desestabilização política: a inflação causava uma diminuição do consumo e dos investimentos da classe média, além de uma demanda crescente por aumento de salários em razão da desvalorização da moeda; a demanda por maiores salários, bem como a estatização progressiva de setores estratégicos para a infraestrutura do país, entrava em choque com os interesses do capital multinacional e associado; os empresários deixavam de investir ou expandir seus negócios e pressionavam a redução de gastos com programas sociais; as greves por aumento de salários paralisavam a produção e geravam prejuízos às classes empresariais; dificilmente havia consenso entre o Executivo e o Congresso, que não aprovava muitos projetos de interesse do Executivo, fazendo com que a situação de instabilidade aumentasse, assim como a conseqüente desconfiança em relação ao governo⁴.

Esse momento de crise e essa polarização de interesses se refletiram nas páginas dos jornais da época: cada um deles assumiu uma determinada postura em relação aos embates entre as forças de esquerda e de direita, e a análise sobre a cobertura que os dois periódicos realizaram sobre o Comício da Central e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade possibilita a compreensão dessas diferenças. Dessa forma, é possível sistematizar algumas características dos periódicos, tais como: a forma de seleção e distribuição gráfica dos temas nas páginas da edição, a recorrência do destaque de determinados aspectos em detrimento de outros, o encadeamento das notícias, etc. Essas escolhas produzem diferentes sentidos para o leitor, a partir de um mesmo acontecimento e, sua análise, possibilita compreender o posicionamento assumido pelos jornais frente aos acontecimentos da época.

Nesse sentido, para uma melhor compreensão da minha proposta de análise dos jornais, considero importante apresentar de forma breve, nesta Introdução, uma definição dos dois grandes grupos que, embora heterogêneos em sua composição (o que demonstrarei a seguir), demonstraram, durante o período estudado, duas propostas bem definidas e antagônicas. Embora as duas expressões mais claras, objetivas e que dão conta tanto da coesão de idéias e da heterogeneidade dos elementos que compõem cada grupo possam ser consideradas anacrônicas ou ambíguas, acredito que posso denominar como “forças de direita” e de “esquerda”.

⁴ Idem.

Utilizarei a definição de Norberto Bobbio⁵ para caracterizar a esquerda:

(...) o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de 'esquerda', e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo, desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais.

Além disso, é importante o acréscimo de Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis para a definição de esquerda: "(...) mais precisamente: pela mudança-, reformista ou revolucionária- no sentido da igualdade."⁶ Dessa forma, a direita é inigualitária, ou seja, tende a acentuar as diferenças. Em termos de poder, ela tende a manter e, até mesmo, acentuar a assimetria entre aqueles que detêm o poder e os despossuídos. No contexto brasileiro, em termos de radicalismo e autoritarismo⁷, grande parcela da direita quanto da esquerda assumiu essas características no momento anterior ao golpe, até mesmo desprezando o sistema democrático.

A partir da leitura da bibliografia sobre o contexto de disputa política anterior ao golpe - DREIFUSS, FERREIRA, FAUSTO - é possível citar algumas organizações que passaram a formar as chamadas forças de esquerda: O Partido Comunista Brasileiro (PCB), que, ainda na ilegalidade, reconheceu a proposta nacionalista e reformista como forma de combate no próprio regime democrático; a União Nacional dos Estudantes (UNE), que conheceu um crescimento e uma maior politização a partir da união com os demais grupos de oposição à situação econômica até então vigente; as Ligas Camponesas, principalmente no Nordeste, que lutavam pela Reforma Agrária e, em muitos casos, inspiravam-se no processo revolucionário cubano, sobretudo sob a liderança de Francisco Julião, em Pernambuco; as organizações dos subalternos das Forças Armadas, em especial os marinheiros e fuzileiros navais, além dos sargentos, que se politizavam cada vez mais no sentido da esquerda, mais precisamente na orientação nacional-reformista; os operários organizados no movimento sindical, reunidos sob a liderança do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), que se uniam com outras organizações de trabalhadores - entre as quais se encontrava a dos funcionários públicos; por fim, é importante citar a Frente de Mobilização Popular (FMP), formada em 1963 e liderada por Leonel Brizola, a qual englobou também a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), diversos integrantes do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), além das organizações citadas acima.

Enfim, as forças de esquerda da época adotaram uma tendência nacionalista e reformista que conseguia aglutinar uma diversidade de setores relativamente grande da sociedade da época.

⁵ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995, p. 110.

⁶ FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). *Nacionalismo e reformismo radical 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 11.

⁷ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995, p. 118.

A radicalização da esquerda não era decorrente de uma possível proposta revolucionária, mas da grande pressão exercida para a realização das Reformas de Base, que sofria um importante bloqueio no Congresso, o que gerava impaciência e frustração com o tipo de democracia vigente no país.

Sobre as Reformas de Base, escreve FERREIRA:

Para os grupos nacionalistas e de esquerda, tratava-se de um conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo um desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento da justiça social. Entre as principais reformas constavam a bancária, fiscal, urbana, tributária, administrativa, agrária e universitária, além da extensão do voto aos analfabetos e oficiais não-graduados das Forças Armadas e legalização do PCB. O controle do capital estrangeiro e o monopólio estatal de setores estratégicos da economia também faziam parte do programa reformista dos nacionalistas.⁸

Os grupos conservadores também se organizavam. O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) foi fundado em 1962 com o propósito inicial de publicar livros, patrocinar palestras e determinadas organizações estudantis, femininas e operárias com perfil conservador. O caráter inicial do Instituto, publicamente reforçado, foi de uma organização com responsabilidade democrática capaz de estudar as reformas políticas, econômicas e sociais de uma forma científica, apartidária, baseando-se em interesses coletivos e propiciando atividades de caráter social⁹. No entanto, progressivamente, o IPES passou a sistematizar a sua prática para a derrubada do governo João Goulart: passou a estocar armas e a financiar propagandas e mensagens de oposição ao governo - assustando a sociedade e os meios militares com o perigo da subversão e do comunismo.

O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) foi um órgão criado para “defender a democracia”. Havia, entre seus integrantes, membros do Conselho Superior das Classes Produtoras (CONCLAP) e da Escola Superior de Guerra (ESG), ex-integralistas, alguns integrantes de grupos paramilitares e anticomunistas e alguns empresários (o grupo reunia-se na sede da Confederação Nacional do Comércio). “Além disso, o próprio IBAD foi denunciado como sendo uma das principais operações políticas da CIA no Rio, sendo basicamente uma organização de ação anticomunista”.¹⁰ Suas ações foram importantes, também, para o financiamento de candidaturas de políticos comprometidos com as propostas do Instituto nas eleições de 1962.

Além do IPES, do IBAD e de vários políticos que ocupavam cadeiras no Congresso brasileiro, havia alguns governadores empenhados em deter o avanço das Reformas de Base, dos

⁸ FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: DELGADO, Lucília A. N.; FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano: O Tempo da Experiência Democrática*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 347.

⁹ DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 163-164.

¹⁰ Idem, p. 102.

programas estatais que buscavam maior igualdade social e, principalmente, das forças de esquerda, que se politizavam e se uniam cada vez mais. Entre esses governadores, destacavam-se Carlos Lacerda (Guanabara), Adhemar de Barros (São Paulo), Magalhães Pinto (Minas Gerais) e Ildo Meneghetti (Rio Grande do Sul).

O Comício do dia 13 de março de 1964, realizado na Central do Brasil, no Estado da Guanabara, constituiu-se numa grande manifestação pública de vários setores da esquerda e num símbolo de confiança que essas forças passaram a ter em relação às Reformas de Base. No mesmo palanque, estavam reunidos: o presidente João Goulart, o governador de Pernambuco Miguel Arraes, o líder da FMP Leonel Brizola, o presidente da UNE José Serra, entre outros¹¹. “Com o evento, a aliança do governo com o movimento sindical urbano, com os trabalhadores rurais e as esquerdas, notadamente o PCB e a ala radical do PTB, foi selada”¹², aumentando o processo de polarização da sociedade brasileira em torno da pressão pelas reformas da esquerda ou da reação conservadora da direita.

Essa reação conservadora da direita foi simbolizada pela Marcha da Família com Deus pela Liberdade, ocorrida no dia 19 de março de 1964, no Estado de São Paulo. O evento foi articulado pelo deputado Antônio Bueno, com apoio de Adhemar de Barros, com auxílio da Campanha da Mulher pela Democracia, da União Cívica Feminina, da Fraterna Amizade Urbana e Rural, e da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo; e contou com a presença de políticos como Auro de Moura Andrade, presidente do Senado, e Carlos Lacerda.

A Marcha, ocorrida em São Paulo, representou uma réplica das forças de direita em relação ao Comício da Central. Conforme DREIFUSS, a mobilização desses setores, representada por eventos como a Marcha, ocorreu da seguinte forma:

As classes dominantes atribuíram, ao que era relativamente um baixo grau de participação e mobilização política, um sério potencial de ameaça, suficientemente severo para reunir a burguesia numa ação agressiva, ou no que foi por elas qualificado de golpe defensivo¹³.

As várias frações e setores das classes dominantes moveram-se em direção a uma reconciliação política quanto a suas demandas conflitantes, reagindo firmemente e de forma unificada à ‘emergência da sociedade de massa’, o que a totalidade das classes dominantes percebia como sendo a erosão da ordem capitalista¹⁴.

Em relação à preparação do chamado golpe-defensivo, além de empreender um processo crescente de unificação e fortalecimento de suas relações de poder, as forças de direita empenharam-se em criar uma atmosfera de “crise de domínio público”, primeiramente criticando

¹¹ FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: DELGADO, Lucília A. N.; FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano: O Tempo da Experiência Democrática*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 347.

¹² Idem, p. 382.

¹³ DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 140.

¹⁴ Idem, p. 142.

de forma “científica” as políticas econômicas e sociais - através de grupos ligados ao complexo IPES/IBAD - e, “envolvendo a opinião pública em uma cruzada contra o ‘caos e estagnação, corrupção e subversão¹⁵”.

Nesse sentido, escreve FERREIRA:

Ora, desde 1954 grupos conservadores brasileiros tentaram golpear as instituições: em agosto daquele ano, em novembro de 1955, em duas tentativas no governo Juscelino e uma decisiva em agosto de 1961. Não conseguiram. Não encontraram apoio da sociedade para o golpe. Em outras palavras, não basta conspirar, mesmo que com o apoio de potência estrangeira. É preciso encontrar uma ampla base social para levar a conspiração adiante.¹⁶

Portanto, um dos principais diferenciais entre a iniciativa do golpe de 1964 em relação às demais tentativas durante o período conhecido como democrático -1945 a 1964 - foi o direcionamento da opinião pública como forma de legitimação do golpe, durante o governo Goulart. Embora esse fato não desmereça o papel desempenhado pela coerção empreendida pelas Forças Armadas, polícias e milícias; força capaz de provocar a efetivação do golpe e constituir instrumento básico da ditadura. Mas, que não será objeto de análise da presente pesquisa.

A escolha do objeto de pesquisa baseou-se na importância em compreender a forma como a doutrinação manifesta-se nos discursos jornalísticos da época, e como eles podem realizar o direcionamento do seu público em direção a um posicionamento de adesão ou rejeição a determinadas propostas políticas. Por isso, pretendo basear esse trabalho na análise das relações existentes entre o contexto político brasileiro, a produção dos discursos e as possíveis formas de recepção dos mesmos. Pois:

O ato de noticiar, (...), não é neutro nem desinteressado: nele se encontram, entrecruzando-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores. Além desses fatores, as forças políticas em confronto no momento histórico em que se divulga um acontecimento vão constituir também os sentidos produzidos pelas notícias.¹⁷

As relações políticas e econômicas existentes por trás do trabalho de doutrinação ideológica desenvolvido pelo IPES/IBAD, inclusive nas redes privadas de comunicação social, como rádio, televisão e jornais, já são conhecidos¹⁸. Nesse sentido, pretendo analisar, especificamente, a forma como essa doutrinação foi manifestada por dois periódicos, importantes para a formação da opinião pública gaúcha, e a repercussão realizada pelos mesmos em relação a dois eventos extremamente significantes em termos de manifestação pública de duas propostas

¹⁵ Idem, p. 143.

¹⁶ FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: DELGADO, Lucília A. N.; FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano: O Tempo da Experiência Democrática*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 347.

¹⁷ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p.102.

¹⁸ DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

políticas distintas para o país.

FOLHA DA TARDE

A *Folha da Tarde* foi um jornal vespertino, criado pela *Companhia Caldas Júnior*, o qual circulou no Estado do Rio Grande do Sul de 1936 a 1983. Seu formato tablóide foi considerado uma novidade para época de seu lançamento, pois os demais jornais do Estado eram editados em formato *standard*.¹⁹ E sua importância para a formação da opinião pública gaúcha pode ser constatada no trecho a seguir:

E era isso mesmo a *Folha da Tarde*: um jornal de vendas, apregoado nas praças e ruas das cidades, levando a sua circulação a números cada vez maiores, batendo inclusive o próprio *Correio do Povo*, baseado em assinaturas, que à época ficava em torno dos 50 mil jornais nos dias de semana.²⁰

Em relação ao momento estudado, é amplamente admitido, inclusive pelos próprios jornalistas da *Caldas Júnior*, o fato da Companhia ter apoiado o golpe civil-militar de 1964: “É muito claro que a Companhia Caldas Júnior havia apoiado a chamada Revolução de 31 de março de 1964. Comprova-o os editoriais publicados a cada aniversário do movimento”. E, além disso, “havia uma certeza de que a convivência com o poder, representado então pela Revolução de Março, garantiria qualquer tipo de aval que se fizesse necessário e que a qualquer momento o socorro chegaria, se fosse solicitado.”²¹

As relações de poder estabelecidas entre a Instituição *Caldas Júnior*, seus jornalistas, empresários e patrocinadores com o setor público, através dos políticos que representam seus interesses, é explicitamente admitida por um importante integrante do grupo de direção da Folha. Segundo ele, a Caldas Júnior:

definiu-se, logo no primeiro momento, e uma vez mais pondo de lado uma suposta e histórica imparcialidade, o *Correio do Povo* (e seus afluentes) apoiou a então batizada ‘Revolução Redentora’. [...] o apoio foi tão ostensivo que o jornal se deu ao trabalho de explicar em editoriais porque os militares estavam certos e aquele era o único caminho para ‘salvar o Brasil’²².

Portanto, é importante pesquisar a forma como o jornal cria esse sentido de apoio ao golpe civil-militar. Isso é possível, através da análise das estratégias utilizadas pelo periódico, as quais possibilitam o convencimento do leitor e a formação de uma opinião pública a favor dos golpistas, ocultando e deslocando as relações de poder existentes entre eles.

¹⁹ GALVANI, Walter. *Olha a Folha: Amor, traição e morte de um jornal*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996, p. 16.

²⁰ Idem, p. 113.

²¹ Idem, p.119.

²² GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995. 2.ed, p. 410-411.

ÚLTIMA HORA

O jornal *Última Hora*, do Rio Grande do Sul, circulou de 15 de fevereiro de 1960 a 25 de abril de 1964, embora tenha deixado de existir, oficialmente, em 1970, quando Maurício Sirotsky assumiu o controle acionário do jornal²³. A rivalidade existente entre a *Última Hora* e a *Folha da Tarde* repercutiu tanto em termos de conteúdo ideológico, quanto na disputa pelo público leitor através de aspectos como o seu formato e horário de distribuição:

O projeto da *Última Hora* gaúcha previa um jornal tablóide, diferenciando-se, portanto, desde logo, de todas as demais edições regionais que eram *standard*, para combater claramente à *Folha da Tarde*. Por isso, foi definida enquanto um vespertino, devendo antecipar-se à concorrente. Como a *Folha* circulava em torno das 16 horas, *Última Hora* começou a circular às 15 horas, com média de 24 páginas por edição, podendo chegar a 32 páginas, se necessário.²⁴

A *Última Hora*, segundo Antonio Hohlfeldt e Carolina Buckup, fazia parte de um jornalismo participativo, “atuando especialmente no campo do *jornalismo opinativo* e do *jornalismo interpretativo*...”²⁵. E, este posicionamento ficou claro na cobertura que realizou em diversos momentos da política no período: na sua oposição às tentativas de impedimento à posse de Jango em 1961, no seu apoio ao Movimento da Legalidade e do plebiscito sobre o término do regime parlamentarista.

Conforme MOUILLAUD, o nome do jornal “constitui o princípio de uma espera, por parte do leitor, de certos enunciados.”²⁶ Tanto a *Folha da Tarde* quanto a *Última Hora* buscavam atender a espera, por parte do leitor, dos últimos acontecimentos do dia. Ambos os jornais buscavam a antecipação para o registro desses acontecimentos. Num contexto de crise política, esse aspecto é importante na medida em que possibilitava uma mobilização rápida da opinião pública em apoio ou em oposição aos eventos publicados.

²³ HOHLFELDT, Antonio e BUCKUP, Carolina. *Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 16.

²⁴ Idem, p. 23.

²⁵ Idem, p. 09.

²⁶ MOUILLAUD, Maurice. O nome do jornal. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 86.

CAPÍTULO I

O COMÍCIO DA CENTRAL

A capa da *Folha da Tarde* do dia 14.03.1964, anuncia como manchete de impacto, “REFINARIAS ENCAMPADAS”, com fontes grandes e em negrito, e, como complemento, “ASSINADO TAMBÉM DECRETO DA SUPRA”, referindo-se às medidas anunciadas no Comício da Central realizado no dia anterior. Mais abaixo da página, é publicada uma foto com legenda sobre o apoio de estudantes às reivindicações do magistério, além de dois editoriais “a pedido”, em apoio aos decretos assinados pelo presidente João Goulart.

A edição da *Última Hora* traz um diferencial que confere uma importância maior ao evento como forma de mobilização social ao trazer a informação sobre o número de 200 mil pessoas como participantes do Comício. Além disso, o jornal publicou as seguintes manchetes: “ENCAMPADAS AS REFINARIAS” e, mais abaixo, “ASSINADO DECRETO DA SUPRA”, além de dois editoriais, semelhantes à capa da *Folha da Tarde*. No topo da página consta a frase: “JANGO INICIA AS REFORMAS” juntamente com a foto do presidente João Goulart.

Embora esse diferencial possa ser considerado de menor importância, as páginas externas do jornal, segundo MOUILLAUD, “constituem, de alguma maneira, uma membrana do jornal, que é sua interface com o mundo exterior”²⁷. A apresentação do elevado número de participantes no evento remete à grande participação popular e, conseqüentemente, confere um valor positivo às medidas tomadas pelo Presidente da República, apresentado na foto estampada na capa.

Na segunda página da *Folha da Tarde*, da mesma edição, o editorial “REFORMISMO ALUCIANDO”, de Arlindo Pasqualini, manifesta a posição do jornal frente à manchete do dia, mais precisamente, à questão da Reforma Agrária: “(...) com o ato da SUPRA declarando de utilidade pública as glebas situadas ao longo das estradas e dos açudes federais.” O autor inicia seu discurso valorizando o tema e a sua repercussão e, posteriormente, afirma: “Essa política vem sendo categoricamente combatida por determinados setores da opinião pública, que não se cansam em advertir os poderes governamentais sobre as conseqüências desastrosas desse ato.” Nesse trecho é possível verificar uma estratégia de composição do discurso midiático: a *exacerbação dos diferendos*²⁸ ao apresentar ou, até mesmo iniciar uma situação conflituosa, sem especificar quais seriam esses setores, além da utilização de uma categorização negativa em relação aos atos governamentais como de “conseqüências desastrosas”.

O autor prossegue o editorial citando um estudo realizado pelo Instituto Gaúcho de

²⁷ MOUILLAUD, Maurice. O título e os títulos. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 101.

²⁸ RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 227.

Reforma Agrária sobre os reflexos, segundo ele, negativos, das medidas sobre a estrutura agrária do Estado. Para estabelecer esse sentido negativo em relação às medidas anunciadas pelo presidente no Comício, o autor utiliza uma estratégia de *legitimação*, a partir de um *status* de autoridade e de uma estratégia de *racionalização*. Essa estratégia ocorre quando: “o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações ou instituições sociais, e com isso, persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio.”²⁹

No trecho seguinte, Arlindo Pasqualini promove um sinal de alarme aos grupos conservadores ao afirmar que “nada menos de quarenta e dois por cento da área territorial do Estado deverão ser atingidos pelo novo e controvertido diploma legal”. Além disso, ele utiliza uma categoria negativa, ou seja, a qualificação “controvertido”, para se referir ao decreto anunciado por Jango, o qual ele denomina como diploma legal.

No decorrer do texto, ele aponta para as restrições ao livre uso das propriedades e conclui que “Êsses detalhes servem para dar uma idéia da perigosa repercussão política social e econômica que poderá advir...”. Essa postura de alarme e de exacerbação dos conflitos e das possíveis conseqüências dos atos governamentais em prol das Reformas de Base foi recorrente na leitura dos demais exemplares do mês de março da *Folha da Tarde*. E esse procedimento de antecipação e de alarme mobiliza opiniões no sentido de opor-se a essas medidas atuais que levariam à “perigosa repercussão”. Dessa maneira, “(...) o discurso jornalístico possui uma prática discursiva específica: ele produz uma leitura do presente, podendo vir a reconfigurar resíduos produzidos no passado e, ao mesmo tempo, organiza os germes de sentidos ainda por vir”³⁰.

No final do editorial, o autor afirma: “Bastam esses dados oficiais para comprovar que os técnicos do govêrno da União evidentemente não examinaram em toda a sua plenitude o problema da revisão do estatuto da terra.” E conclui que “Como foram feitas as coisas, parece não haver dúvidas de que o Brasil vai sofrer as distorções de um reformismo alucinado.” Ao mesmo tempo em que a oposição do autor em relação às medidas tomadas pelo governo de Jango é clara, isso torna-se possível a partir do modo de operação ideológica da *legitimação*, através da estratégia de *racionalização* (“dados oficiais”) que confere autoridade às suas afirmações. Além disso, ele realiza uma estratégia de *visibilidade*, ou seja, conferir existência publicamente reconhecida às posições de setores contrários à Reforma Agrária no Estado.

²⁹ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 82-83.

³⁰ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p.111.

Na segunda página da *Última Hora*, o posicionamento do jornal transparece no próprio noticiário sobre as Reformas de Base: “Mais de 500 mil pessoas, de todos os pontos do País, foram à Guanabara hipotecar solidariedade às reformas de base do presidente João Goulart, em sua primeira etapa de concretização.” Conforme já fora comentado, o anúncio de um elevado número de apoiadores ao Governo transmite a confiança de que a opinião pública em geral, ou grande parcela desta, o apóia.

Posteriormente, o autor demonstra a grande diversidade de grupos da sociedade envolvidos nesse apoio: sindicatos, associações de donas de casa, fazendeiros, pequenos proprietários urbanos, forças armadas, áreas progressistas das classes conservadoras, trabalhadores intelectuais, estudantes, operários, camponeses, funcionários públicos, pequenos comerciantes. E afirma: “Cada um desses grupos separadamente, e todos eles em conjunto, repetidamente, têm promovido manifestações pela alteração das atuais estruturas em que o País se apóia”. Nesse trecho é possível identificar pelo menos um modo de operação ideológica: a *unificação*: “(...) construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los”³¹.

A *Folha da Tarde* apresenta como manchete, no topo da página 05, o seguinte título: “PRESIDENTE DO SENADO EM SP A DEFESA DA CONSTITUIÇÃO”. E, no decorrer do texto, o jornal apresenta o pronunciamento completo de Auro de Moura Andrade, presidente do Senado e importante opositor de João Goulart e das medidas encaminhadas pelo governo federal ao Senado.

É importante salientar, do ponto de vista da organização e disposição dos temas, que o pronunciamento de Moura Andrade, juntamente com outros noticiários relativos às diversas formas de oposição a Jango, é apresentado anteriormente ao noticiário que trata da própria manchete do periódico, ou seja, sobre o Comício da Central. No decorrer de toda a página, as suspeitas de continuísmo de Goulart e de subversão são levantadas tanto nas citações quanto no noticiário do jornal.

Em relação à forma como o periódico, através da citação, estimula a formação de um sentido de desestabilização, o trecho a seguir é um exemplo:

para a desordem, para a perturbação da tranqüilidade do povo, para o desrespeito aos princípios mais puros e mais válidos do regime, ninguém poderá contar conosco, pois aí também estamos dispostos a todos os sacrifícios para impedir que deflagre sobre a Nação a terrível desgraça do fim de sua Constituição democrática e de sua fidelidade à fonte inspiradora das liberdades cristãs entre os homens.

É possível observar que o sentido estabelecido na citação apóia-se na ausência de definição clara de termos como: desordem, perturbação da tranqüilidade, princípios puros e válidos, e o

³¹ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 86.

que ou quem ameaça o fim da Constituição. Note-se que, entre outras formas, a ideologia materializa-se no discurso também através da “(...) existência de ‘brancos’, de ‘lacunas’ ou de ‘silêncios’ que nunca poderão ser preenchidos sob pena de destruir a coerência ideológica. O discurso ideológico é coerente e racional porque entre suas ‘partes’, ou entre suas ‘frases’ há ‘brancos’ ou ‘vazios’ responsáveis pela coerência. Assim, ela é coerente não *apesar* das lacunas, mas *por causa* das lacunas.”³²

No decorrer do pronunciamento, os modos de operação ideológica de *fragmentação* e de *unificação* são constatados. Tome-se como exemplo o trecho a seguir:

Para isso estamos decididos a interromper as causas de tantas incompreensões na vida nacional, entre elas a marcha do comunismo, fontes do clima de intranquilidade, das ameaças crescentes às liberdades do povo, da perturbação de seu trabalho, da queda da produção, da desordem social, da degenerescência dos costumes, da invasão das escolas, dos lares e dos templos, do desvirtuamento intelectual e moral, que tantos males resultam à Nação porque a atingem nos seus mais sagrados fundamentos: a família, o trabalho, a produção, a moral cristã, a cultura, a arte, a mocidade, a autoridade dos Tribunais, a autoridade dos chefes militares, a autoridade dos mestres, a autoridade dos pais, e também, em face do mundo, a autoridade da Pátria.

No fragmento do discurso acima, a *fragmentação* ocorre “(...) segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes”³³ através da *diferenciação*, além de *expurgar o outro*, a partir da “(...) construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador, e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo”³⁴.

A *unificação* é presente, no nível simbólico, no momento em que ocorre a construção “... de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los”³⁵. Em relação a esse aspecto, CHAUI afirma que: “A sociedade civil concebida como um indivíduo coletivo é uma das grandes idéias da ideologia burguesa para ocultar que a sociedade civil é a produção e a reprodução da divisão em classes e é luta de classes”³⁶.

A *Última Hora* também apresenta essa generalização de setores econômicos incompatíveis em termos de interesses como meio de legitimar as ações do Presidente da República frente à oposição que denunciava um grave clima de subversão e desordem. Esse modo de operação ideológica confunde-se com a *dissimulação*, através da *sinédoque*, a qual:

envolve a junção semântica da parte e do todo: alguém usa um termo que está no lugar de uma parte, a fim de se referir ao todo, ou usa um termo que se refere ao todo a fim de se referir a uma parte. Essa técnica pode dissimular relações sociais, através da confusão ou da inversão das relações entre coletividades e suas partes, entre grupos particulares e

³² CHAUI, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p.115.

³³ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 87.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem, p. 86.

³⁶ CHAUI, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 76.

Essa estratégia faz com que “fazendeiros” sejam citados como apoiadores das medidas tomadas pelo governo federal sem levar em consideração os conflitos de interesse dentro do próprio grupo. Ou seja, ela confere, claramente, aspectos positivos como consenso, união e grande base de apoio às medidas governamentais.

Na página 2 da *Última Hora*, a estratégia de *unificação* é utilizada pelo periódico através da simbolização de unidade. Essa simbolização é realizada através de termos como “o presidente”, “todos os brasileiros” e “a Nação”, com o objetivo de promover uma identificação coletiva. Esse processo é exemplificado no seguinte trecho: “A mensagem do presidente João Goulart é a identificação de todos os brasileiros com seu futuro – o futuro de uma Nação jovem e soberana, que nasceu para ser forte e não desviará um centímetro se sua linha de progresso econômico e social.”

O artigo de Sergio da Costa Franco intitulado “Quem Acende a Fogueira?”, publicado na segunda página da *Última Hora*, busca alertar a opinião pública para um “perigo” totalmente diferente do apontado nos editais da Folha da Tarde: “Qualquer pessoa medianamente observadora pode compreender que a vida nacional se aproxima de um choque talvez brutal entre as forças populares, que aspiram à democracia social e ao progresso econômico, e os grupos antipovo, que desejam a permanência de seus privilégios, mesmo à custa do sacrifício de toda a nacionalidade”, ou seja, para o autor, o perigo não se encontra nas forças populares que aspiram a algo bom e sim nos *grupos antipovo*.

O autor contextualiza o momento histórico através da oposição entre grupos como políticos nacionalistas *versus* parlamentares do IBAD, camponeses sem-terra *versus* barões da FARSUL, líderes que organizam a defesa econômica e política das massas desvalidas *versus* polícia dos governos ineptos, a qual responde com borrachadas ao protesto justo do povo. É importante constatar nesse trecho, bem como na leitura em geral dos dois periódicos, a utilização recorrente de alguns adjetivos que conferem valor positivo (justo) ou valor negativo (ineptos) de acordo com a posição assumida por cada jornal. Além de apresentar o momento político como a luta entre o bem e o mal, o autor procura esclarecer as relações de interesses estabelecidas entre os grupos de direita interessadas em conservar o sistema político vigente.

No canto inferior esquerdo da página, o texto “Contrastes que Chocam” de MONSERRAT analisa a estrutura agro-industrial brasileira com estratégias bastante semelhantes ao edital da *Folha da Tarde*, isto é, confere uma legitimidade às suas conclusões a partir de bases científicas. Mas as conclusões de MONSERRAT são radicalmente diferentes: “Basta estes fatores para

³⁷ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 84.

comprovar os efeitos anárquicos de uma estrutura que precisa evoluir, e urgentemente à base de uma compreensão geral para que o capital nacional possa cumprir sua função social, atendendo aos interesses maiores e prioritários das populações que lhe dão vida”. Portanto, enquanto o edital de Arlindo Pasqualini, na Folha da Tarde, alerta sobre as mudanças na estrutura agrária brasileira, o edital de MONSERRAT defende as mudanças, numa clara alusão às medidas anunciadas no Comício do dia anterior.

Na página da *Folha da Tarde*, logo abaixo ao pronunciamento de Moura Andrade, consta o seguinte título: “ESTADO-MAIOR DA FAB DISTRIBUI BOLETIM DENUNCIANDO SUBVERSÃO”. Esse texto noticia um “boletim informativo” denominado “Como Eles Destróem” e realiza a apresentação da seguinte forma: “A apresentação do boletim editado agora pelo Estado-Maior da FAB, ora entregue ao ex-Ministro Francisco de Assis Correia de Melo, é a seguinte:”. A partir daí, o jornal confere um importante espaço de divulgação, na íntegra, de um manifesto contendo o discurso ideológico da Instituição das Forças Armadas. Ao utilizar o espaço do jornal para divulgar o discurso do outro, este é incorporado e assumido pelo jornal, que se isenta da responsabilidade da autoria.

Reportagens e editais aludindo ao perigo do comunismo e ao papel dos militares para essa defesa são recorrentes na leitura da *Folha da Tarde*. O que seria o comunismo? Quais interesses as Forças Armadas representariam? O que seria a subversão, senão apenas a contestação à situação vigente e a busca de uma maior igualdade? Nenhuma dessas questões é levantada pelo jornal, no sentido de problematizar estes conceitos

No decorrer do texto, é frequente a preparação da opinião pública e de próprios setores das Forças Armadas para o chamado golpe-defensivo: “Já nos referimos ao perigo a que estão sujeitos os nossos quartéis frente à possibilidade da infiltração vermelha.” Ao mesmo tempo que a mídia mobiliza a opinião pública, ela interfere no funcionamento das instituições, isso por que:

o discurso midiático assegura ainda alterações significativas de funcionamento das instituições, quer acelerando quer desacelerando o ritmo e a intensidade do seu funcionamento (...) No domínio político, o discurso midiático ora normaliza e arrefece, ora revoluciona e aquece a luta pela detenção do poder. Podemos verificar idêntica função na instituição militar, detentora da legitimidade no domínio dos valores da defesa coletiva.³⁸

Essa questão demonstra outro modo de operação ideológica: a *reificação*, ou seja, quando “(...) relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal”³⁹. A sociedade brasileira (mesmo com sua extrema desigualdade social e com políticos e militares que

³⁸ RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p.227-228.

³⁹ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 87.

buscavam manter, a qualquer custo, os privilégios de grupos dominantes) é apresentada como uma sociedade democrática, que lutava para manter sua Constituição, ameaçada por algumas medidas do governo federal, pressionado pelos “grupos subversivos” de esquerda.

Outras estratégias assumidas pelo jornal são a *naturalização* - na qual “um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais...” - e a *eternalização* - onde “... fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes.”⁴⁰

Os discursos e todo o sistema de crenças e valores de instituições como o Estado, o Legislativo, o Judiciário, as Forças Armadas e os setores de direita e os grupos dominantes dos diversos setores da sociedade brasileira, já citados acima, são citados e incorporados pelo discurso jornalístico frequentemente através das estratégias acima. Eles “parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado, de tal forma que todo traço sobre sua origem fica perdido e todo questionamento sobre sua finalidade é inimaginável...”⁴¹ Seu sistema de crença e de valores são disseminados e cristalizados na vida social, através da mídia, tornando-se socialmente aceitos e defendidos.

Essas estratégias, através das quais a ideologia se manifesta, estão presentes em ambos os jornais. A *Folha da Tarde* manifesta de forma clara os interesses dos grupos acima citados. A *Última Hora*, embora procure defender determinados setores de esquerda apoiadores de Jango, utiliza formas de operação ideológica no momento em que busca o convencimento da opinião pública em geral e de próprios grupos dominantes de que as medidas tomadas pelo governo são cristãs e democráticas. Ou seja, valores já cristalizados na opinião pública através dos grupos dominantes são utilizados para a defesa de medidas que buscam amenizar as condições de desigualdade.

A seguinte manchete consta na página central da *Última Hora*: “OPERÁRIOS, CAMPONESES E ESTUDANTES: APOIO TOTAL AOS DECRETOS DE JANGO”. O jornal informa os leitores sobre os decretos anunciados no Comício, primeiramente através de uma apresentação: “Jango polarizou as atenções das forças progressistas do Estado, as quais, a uma só voz, proclamam: ‘para posições como estas, o Presidente João Goulart tem o nosso integral apoio’” e, no decorrer do texto, apresenta pronunciamentos de apoio de vários líderes selecionados pelo jornal.

Todos os pronunciamentos apresentados pela *Última Hora* são favoráveis às atitudes de Jango, como, por exemplo, o de Roque Cruz Vargas, secretário do Conselho Sindical dos

⁴⁰ Idem, p.88.

⁴¹ Idem.

Trabalhadores Gaúchos: “Jango, sensível ao clamor da Nação, deu dois passos importantíssimos para o progresso da nossa Pátria”; do líder sindical de Caxias do Sul e suplente do deputado Bruno Segalla: “Hoje, sinto-me na obrigação de apoiar publicamente o comportamento do Presidente João Goulart. Esta é a posição do movimento sindical, que nunca negou aplausos às atitudes corretas do govêrno”; além de Paulo Crochemare, presidente da União Nacional dos Estudantes: “Os decretos multiplicaram o entusiasmo dos estudantes gaúchos.”

Outra característica dos pronunciamentos editados pelo periódico é a expectativa pelas Reformas de Base, ou seja, ocorre a produção do sentido de apoio e de expectativa positiva nas ações do Presidente. O exemplos são os pronunciamentos de Ary Saldanha, secretário da Federação Gaúcha dos Agricultores Sem Terra (MASTER): “Os camponeses, como as demais forças populares, estão dispostos a prosseguir na luta pelas reformas” e de João Fabrício de Moraes, presidente em exercício do Comando Sindical de Porto Alegre:

O Decreto da SUPRA, conforme frizou com muita clareza o próprio Presidente João Goulart, não é ainda a reforma agrária reclamada pelo povo brasileiro. Seu significado, todavia, é enorme, já que o Executivo deu o primeiro passo no sentido de uma definição concreta e definitiva em direção à modificação pretendida na estrutura agrária.

Além do apoio às medidas anunciadas por Jango no Comício da Central e da expectativa pelas Reformas de Base, alguns depoimentos também manifestam um alerta de mobilização no sentido de enfrentar os opositores do Presidente, como o discurso de Jorge Alberto Campezzato, presidente da Intersindical da Defesa dos Segurados do IAPFESP: “Não nos iludamos: Latifundiários e agentes imperialistas vão atirar-se como cães sôbre o presidente. Nesta hora, devemos estar mobilizados como um só homem para dar-lhe a cobertura a que faz jus” e de José César Mesquita, vereador, vice-presidente do Conselho Sindical dos Trabalhadores Gaúchos e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos: “Pelas reformas estamos dispostos até mesmo ao sacrifício extremo.”

A página 6 da *Folha da Tarde* traz a seguinte manchete: “João Goulart Afirmou no Comício de Ontem: ‘Povo Acima da Constituição’”. Embora o título possa parecer apenas o recorte de um trecho aleatório do pronunciamento de Jango, ele se constitui como um fato de acusação de golpe do Presidente, colaborando para o processo de mobilização da opinião pública em direção ao chamado golpe-defensivo. Pois, conforme MOUILLAUD:

[...] o jornal diário tornou-se, na realidade, um substituto do espaço público, um fórum onde se escuta o eco de todas as vozes públicas, ao mesmo tempo em que tem sua própria voz. Essa dualidade está na origem das estratégias pelas quais o jornal manipula, seja por identificar-se com ele, seja por distanciar-se do mesmo, o discurso de outrem.⁴²

Outra manchete, não por acaso publicada na mesma página, é a seguinte: “DEPUTADOS

⁴² MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 26-27.

TEMEM ‘DITADURA BRANCA’ DE JOÃO GOULART”. No texto, consta que “Vários deputados – (...) – acreditam que o presidente João Goulart pretende, após o comício de ontem, governar através de decretos, ignorando o Poder Legislativo e iniciando uma ‘ditadura branca’.

Dessa forma, o jornal aponta uma acusação, sem assumir posição a respeito (são vários deputados que acusam). Ao recortar um trecho do discurso que pode alimentar essas suspeitas, ele produz um determinado sentido para o leitor, ou seja, ele tem condições de direcionar a opinião pública para a oposição aos decretos de Goulart. No entanto, isso é apenas uma possibilidade, porque:

O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejamos a partir de seu próprio campo mental e recolocamos no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de ‘fato’, também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações⁴³.

Logo abaixo à manchete sobre a declaração de Jango, a *Folha da Tarde* introduz o texto da seguinte forma: “Com enorme afluência de populares, foi realizado ontem o programado comício das forças de esquerda, que contou com a presença do Presidente João Goulart e, também, com grande aparato bélico por parte das Forças Armadas”. Note-se que a *Folha* denomina os apoiadores de Jango como “forças de esquerda” e a *Última Hora* denomina-os de “forças progressistas”. Esse diferencial denota uma estratégia de *fragmentação* utilizada pelo primeiro jornal e uma estratégia de *valorização positiva* e de *unificação* ao segundo. O fato de a presença do Presidente ser acompanhada por um forte aparato bélico também denota um aspecto negativo atribuído pela *Folha da Tarde* ao acreditarmos que é importante, na presença de um “ditador” (conforme a acusação levantada), a presença, também, de um forte aparato bélico.

Abaixo dessa apresentação, o texto propriamente dito é composto por um trecho em negrito e outro trecho em fonte normal. O primeiro, destacado, refere-se à notícia sobre aqueles que subiram ao palanque, entre eles Leonel Brizola que, segundo o jornal “... em violento discurso defendeu a tese da eleição de uma Constituinte”, ou seja, é mais um agravante apresentado para a acusação da “ditadura branca” de Goulart. Posteriormente, o jornal relata um “grave incidente” que, com o prosseguimento da leitura, não parece ser tão grave assim, mas que cria um sentido de pânico e de caos para o leitor: tochas atingiram alguns cartazes, causando um pequeno incêndio. E, abaixo desse noticiário, ainda no mesmo texto e em negrito, o jornal insere um parágrafo aparentemente sem conexão com o subtítulo “CORRERIA E FERIDO”:

Por outro lado, em alguns bairros da Guanabara, notadamente em Copacabana, viam-se, durante o Comício, nas janelas de casas e apartamentos velas acesas, atendendo assim o pedido da Federação Feminina Cristã do Brasil. Essa Federação, através de emissoras de

⁴³ MOUILLAUD, Maurice. Crítica do acontecimento ou o fato em questão. MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 51.

rádios ontem insistiram nessa solicitação, que foi atendida por aqueles que não concordavam com a realização do comício na Central do Brasil.

Enquanto a *Última Hora* relaciona uma série de discursos de apoiadores dos decretos anunciados por Jango no Comício da Central, produzindo um sentido de *consenso* e de *valorização positiva*, a Folha da Tarde produz um clima de temor à “ditadura” de Jango, além de apresentar, com destaque e em maiores proporções, um pequeno incidente, conferindo *visibilidade* às manifestações contrárias ao Comício. Apenas por volta da metade do texto e em fonte normal, após haver todo esse direcionamento, o jornal trata mais especificamente dos decretos anunciados no Comício, delimitando de forma bem marcante, entre aspas, o discurso de Jango; diferentemente do procedimento utilizado em relação ao pronunciamento de políticos e grupos de direita, aos quais acabam muitas vezes sendo apresentados como fatos e confundidos com o próprio discurso do jornal.

CAPÍTULO II

A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE

O número da Folha da Tarde do dia 20.03.1964, editado no dia posterior à Marcha da Família com Deus pela Liberdade, apresenta, como manchete: “UM PAÍS DERROTADO” e, logo abaixo, as cifras: Dólar:Cr\$1.730,00, Pêso Argentino: Cr\$12,00 e Pêso Uruguaio Cr\$87,00. Além disso, a foto de Jango é estampada ao lado dessa manchete com a seguinte legenda: “Presidente do Brasil, com dólar a 1.730,00 cruzeiros. Autêntico recorde. Um triste recorde...”.

Não é preciso uma análise muito aprofundada para compreender a desaprovação do governo Jango através da construção de um sentido negativo construído pelo jornal: a desvalorização da moeda brasileira é a marca, ou o dado “científico” que, através da estratégia da construção simbólica de *racionalização*, opera ideologicamente ao legitimar a *valoração negativa* atribuída pelo periódico. Essa valoração pode ser constatada através do adjetivo “derrotado”, ao se referir ao país, e ao “triste” recorde, atingido pelo culpado de todo esse contexto segundo o sentido construído, ou seja, Jango.

O trecho a seguir apenas sintetiza e fortalece o sentido estabelecido no topo da capa: “Um triste recorde foi registrado em todas as casas de câmbio do Brasil. Um recorde que nos faz concluir ser este, realmente, um país derrotado pelo seu govêrno”. Essa declaração é extremamente poderosa, em termos de formação de opinião pública, num contexto de crise política ou, conforme apontado por DREIFUSS, de crise de autoridade. Isso porque, “ser destinatário de um discurso é ser envolvido por ele, ser alvo do seu sentido, ser obrigado a responder às suas interpelações, deixar-se ir na direção que ele próprio produz, orienta e dirige”⁴⁴ e essa interpelação mobiliza a opinião pública no sentido do apoio ou da oposição. Além disso, o discurso analisado é ideológico, tendo em vista a definição de ALTHUSSER de que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”⁴⁵.

A forma como ALTHUSSER define o sujeito contribui para a análise do comportamento do destinatário do discurso midiático, mais especificamente, do leitor dos jornais. Ele define o sujeito como: primeiro, “uma subjetividade livre: um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos” e, segundo, “um ser subjugado, submetido a uma autoridade superior, desprovido de liberdade, a não ser a de livremente aceitar a sua submissão”.⁴⁶ Esses dois aspectos são importantes para não cairmos no risco de acreditar que o leitor esteja totalmente alheio aos sentidos produzidos pelo jornal, nem totalmente submetido a eles. Ou seja, é importante

⁴⁴ RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 218.

⁴⁵ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição, p. 93.

⁴⁶ Idem, p.103-104.

considerarmos que o sentido produzido pelo jornal, em determinado contexto sócio-histórico, gera conseqüências para a opinião pública que, por sua vez, pode exercer um papel político importante num determinado momento.

O modo de operação ideológica da fragmentação, através da desconfiança e do caos, reforça o sentido de crise, conforme é possível notar na frase seguinte, ainda no mesmo parágrafo: “No mercado de câmbio livre – que outra coisa não é senão o reflexo da confiança da nação em seus governantes – o cruzeiro desceu mais um triste degrau em sua queda rumo ao desconhecido”.

O editorial de Arlindo Pasqualini, que freqüentemente figurava na contracapa, intitulado “OS HOMENS BONS” foi publicado, desta vez, na capa, logo abaixo da manchete, das cifras, da foto de Jango com legenda depreciativa e do pequeno noticiário. Esse editorial é importante e rico em termos de construção ideológica e, por isso, reproduzirei o mesmo a seguir, quase na íntegra.

O início do texto é o seguinte: “Reunam-se os homens bons da Pátria – pediu o Presidente do Congresso Nacional, Sr. Auro de Moura Andrade, ao falar na sessão de abertura dos trabalhos legislativos e tendo já em mãos a mensagem em que Jango se propõe a usurpar, por enquanto com bons modos, os poderes da Câmara e do Senado”. Note-se que o autor confere voz a Auro de Moura Andrade, ao mesmo tempo em que acusa o Presidente da República de tentar usurpar os poderes do Legislativo, além disso, alerta que “por enquanto com bons modos”, gerando uma expectativa negativa em relação a Jango.

O trecho seguinte é também significativo:

Se o problema é reunir multidões em praça pública, se é isso e somente isso que impressiona certos espíritos primários ou primitivos, aí está o que aconteceu ontem em São Paulo: por iniciativa das mulheres, o povo se concentrou, desfilou pelas ruas, ganhou ‘a praça que é do povo’ e disse que não: não quer que se altere a Constituição, não quer viver sem liberdade, não quer abolir a democracia, não quer regredir aos tempos do absolutismo.

Aqui, o autor refere-se indiretamente ao Comício da Central, e de uma forma bastante pejorativa, define como “certos espíritos primários ou primitivos” aqueles que foram envolvidos pela proposta do evento, ou seja, pelas Reformas de Base aspiradas pela esquerda e, naquele momento, colocadas em andamento por Jango.

Além disso, o autor anuncia como revanche a Marcha da Família com Deus pela Liberdade ocorrida no dia anterior; ele opõe os dois eventos: um de forma negativa, e o outro, de forma positiva. Essa *valorização positiva* ocorre através da seleção das reivindicações do último evento: a defesa da constituição, da liberdade e da democracia. Esses termos são valorizados e freqüentemente citados pela *Folha da Tarde*, bem como pelos opositores de Jango e dos grupos de esquerda, por isso que eu identifico essa valorização como positiva. Nesse sentido, o

periódico confere visibilidade, assume os valores e crenças materializados nos discursos de determinadas pessoas e instituições, incorpora-os e dissemina-os na opinião pública, possibilitando que uma leitura atenta identifique os sentidos criados a partir da recorrência e da associação de determinados termos em contextos históricos específicos.

O texto é finalizado da seguinte maneira:

Sim, ainda há homens bons neste país. Eles precisam dar-se conta dos perigos a que a Nação está exposta: devem reunir-se, como outrora o fizeram os nossos maiores, proclamar o estado de emergência contra a conspiração em marcha para o assalto às instituições e, acima de tudo, devem os homens bons demonstrar que não temem os maus.

A expressão “homens bons” utilizada por Auro de Moura Andrade é assumida por Arlindo Pasqualini, o qual, além de compartilhar da mesma expressão, utiliza a mesma no sentido de mobilizar o leitor para uma verdadeira cruzada entre os homens bons e os homens maus; note-se o modo de operação ideológica de *fragmentação* e *expurgo do outro*, como o inimigo a ser combatido, ao mesmo tempo em que opera a *unificação* através da expressão os homens bons.

O chamado “assalto às instituições” (democráticas) é recorrente nos discursos dos opositores de Jango e das esquerdas, além de outras expressões que buscam opor a opinião pública, tais como: subversivos, golpistas, comunistas (entendido como ditadores e agitadores). No trecho selecionado acima, os “homens bons” defendem a constituição, a liberdade e a democracia, e o evento que mobilizou esses homens bons foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Os “homens maus” conspiram para assaltar as instituições e seu evento de mobilização foi o Comício da Central.

A capa da *Folha da Tarde* do dia 20.03.1964 ainda trouxe a informação sobre o fim da greve do magistério na legenda de uma foto com alunos em frente ao Colégio Júlio de Castilhos. Afirmava o jornal:

Com o término da greve do magistério público estadual, que teve atendidas tôdas as suas reivindicações por parte do Governo, voltaram a funcionar normalmente, na manhã de hoje, os estabelecimentos de ensino secundário, técnico e primário, que haviam cerrado suas portas sábado.

Essa informação aponta para o atendimento, por parte do governo estadual, das reivindicações do magistério, ou seja, a atitude do governo estadual foi responsável pela normalidade no funcionamento dos estabelecimentos de ensino. É interessante observar que o governo estadual, através de Ildo Meneghetti, constituía-se como grande opositor de Jango. Assim, o jornal confere ênfase na boa ação do governo do Estado enquanto atribui a situação de anormalidade e de crise ao governo federal.

A edição da *Última Hora* do mesmo dia 20.03.1964, publicou manchetes com um sentido bastante diverso do que fora analisado acima. Primeiramente, o jornal publica como manchete de cabeçalho: “NEY GALVÃO EM PARIS: REFORMAS DE JANGO SÃO PARA

DESENVOLVIMENTO”. Nesse caso, o periódico confere voz a um apoiador de Jango, o Ministro da Fazenda, e não a um opositor do governo, como fora o caso da *Folha* ao apresentar Moura Andrade. E, além disso, a reprodução da fala de Ney Galvão demonstra a posição do jornal em defesa do governo e das Reformas de Base e constrói um sentido de repercussão (positiva) perante o mundo através do local anunciado.

Na área mais central da capa, é publicado o seguinte título: “Ministro da Educação em PA – SAMBAQUI: CADEIA PARA ‘TUBARÕES DO ENSINO’”; aqui, o jornal reproduz a fala de outro Ministro do governo federal. Além disso, publica uma manchete sobre o anúncio de uma medida positiva do Ministro no ponto de vista do jornal, visto que o mesmo confere uma atribuição negativa aos especuladores do ensino, ou seja, “os tubarões que poderão ir para a cadeia”.

No lado inferior esquerdo da página, há o noticiário sobre o fim da greve do magistério. Mas a semelhança com a *Folha da Tarde* ocorre apenas em relação ao tema, pois, a própria foto apresenta um diferencial. Na *Folha da Tarde*, os alunos são fotografados em frente ao Colégio Júlio de Castilhos, de forma isolada e, aparentemente, em fila em direção ao interior da instituição. Já na *Última Hora*, os alunos são fotografados em manifestação na rua com cartaz de anúncio de greve e com os braços levantados em símbolo de reivindicação.

Além do mais, a própria legenda confere uma mudança de enfoque sobre o sentido do término da greve: “PROFESSÔRES VITORIOSOS VOLTAM HOJE ÀS AULAS” e “O fim da greve dos professôres representou a vitória total da classe”. Ao contrário da *Folha da Tarde*, que conferiu os méritos e deu ênfase às medidas do governo estadual, a *Última Hora* confere méritos e dá ênfase à ação dos professores, e ao seu papel como classe, que foram vitoriosos numa luta de classes. E, ao lado do noticiário sobre o fim da greve, encontra-se um quadro sobre o depoimento de Richard Bormann afirmando que seu irmão, Martin Bormann, um líder nazista, viveria no Brasil, além do anúncio de um filme, ambos sem relevância para o tema pesquisado.

Na página 4 da *Folha da Tarde*, foi publicado um artigo chamado “CAMINHOS DA SUBVERSÃO”, o qual não apresentava assinatura do autor, demonstrando que a Instituição *Caldas Júnior* assumiu como suas a opinião do mesmo. O artigo inicia assim: “A nação brasileira está vivendo um momento crítico para a sobrevivência de suas instituições livres”. Nessa primeira frase é possível constatar a produção de um sentido de crise e de *fragmentação* para desestabilizar o governo, além de promover um sentido de *antecipação*, ou seja, a ameaça das instituições livres, o qual é extremamente importante no sentido de “preparar” as ações do presente que poderão ter as conseqüências alertadas no futuro.

Os discursos midiáticos geralmente articulam as dimensões do passado, presente e futuro, da mesma forma que a ideologia as opera no sentido de articular as tradições, costumes, hábitos

(memória), as ações ou reações desenvolvidas no presente (acontecimento) tendo em vista as conseqüências para o futuro (antecipação). É recorrente nesses artigos da *Folha da Tarde*, instituições e valores inseridos “em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável”⁴⁷, através da estratégia da *narrativização*. E, além do mais, o discurso midiático realiza a seguinte operação com a dimensão do passado:

por um lado, um notável efeito de esquecimento e de arquivação, por outro, alimenta-se do incessante mecanismo de rememoração das formas que vai arquivando. Essa forma ritualizada da alternância dos mecanismos de esquecimento e de rememoração é um dos processos mais importantes de produção dos efeitos de habituação e de naturalização⁴⁸.

Em relação ao presente, a tendência do discurso midiático, bem como dos discursos ideológicos, “é a de naturalizar o recorte arbitrário da multiplicidade de domínios da experiência”,⁴⁹ e legitimar certos porta-vozes em detrimento de outros possíveis. Isto é, o processo de construção do acontecimento é omitido, ou naturalizado, escondendo o lugar de onde fala o autor ou a instituição do periódico e as relações de poder que são estabelecidas.

O sentido criado a partir do processo de antecipação é importante no momento estudado. Enquanto a *Folha da Tarde* “previa” o assalto às instituições democráticas, a *Última Hora* previa a emancipação das classes trabalhadoras e o desenvolvimento econômico e social brasileiro através das Reformas de Base e do governo Jango. O primeiro periódico mobilizava a reação contra as mobilizações de esquerda que seriam responsáveis pelo assalto, enquanto o segundo mobilizava a ação dessas forças, as quais seriam responsáveis pelo desenvolvimento almejado. A interpelação ocorria de forma bastante distintas nos dois jornais e o processo de antecipação constituía-se de duas projeções de futuro diversas.

O artigo “CAMINHOS DA SUBVERSÃO”, prossegue da seguinte maneira:

Já ninguém ignora o lançamento de uma campanha ardilosa, de cunho nitidamente totalitário, para o desprestígio do sistema representativo popular. Pretende-se envolver o Congresso Nacional num plano suicida de pressões e de constrangimentos, executado pelo sindicalismo expúrio. A pretexto de encaminhar as reformas de estrutura, cuja tese é unanimemente aceita por tôdas as camadas da opinião pública, deseja-se criar um clima propício para a subversão e para a desordem.

Nesse trecho, o modo de operação ideológica da *diferenciação* através do *expurgo do outro*, é amplamente utilizado, nesse contexto de radicalização de duas propostas bastante distintas para o país. O jornal aponta para uma ameaça ao “sistema representativo popular” sem especificar que o Congresso empenhava-se em bloquear as aprovações das Reformas de Base e que, com isso, as forças populares de esquerda e os apoiadores de Jango passaram a pressionar o

⁴⁷ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 83.

⁴⁸ RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 225-226.

⁴⁹ Idem, p.225.

Legislativo. Além disso, o periódico alude aos setores que lutam pelas Reformas de Base com expressões pejorativas como “sindicalismo expúrio” e faz acusações, como a de serem culpados por criar “um clima propício para a subversão e para a desordem”.

No decorrer do artigo, o jornal realiza uma campanha quase explícita contra João Goulart:

As etapas iniciais do movimento de intimidação contra as forças democráticas foram lançadas eufóricamente na concentração pré-fabricada, levada a efeito ainda há pouco na Guanabara. Alí, na presença dos chefes das forças armadas e dos ministros de Estado, o mais alto magistrado da Nação, usando de um linguajar suspeito, procurou responsabilizar o Parlamento pela crise em que se debate o país. Conhecidos arrivistas e pregoeiros da anarquia advogaram ostensivamente diante do presidente da República, o fechamento do Congresso e o enxovalhamento da carta constitucional brasileira.

A chamada “concentração pré-fabricada” é mais uma forma de referir-se pejorativamente ao Comício da Central, ao mesmo tempo em que o autor se exime da responsabilidade de fazê-lo explicitamente. O mesmo ocorre com a expressão “o mais alto magistrado da Nação” ao referir-se ao presidente da República, João Goulart. Ao utilizar essa denominação, o jornal se exime da responsabilidade de empreender uma campanha explícita contra o presidente, ao mesmo tempo em que mobiliza uma conotação negativa através de uma expressão diversa.

Além disso, a *Folha da Tarde* apresenta o Comício da Central como uma campanha contra o Legislativo, ao invés de uma campanha popular em favor das Reformas de Base. Esse deslocamento faz com que ela não informe os interesses dos integrantes do Congresso em impedir a aprovação das Reformas mesmo com a pressão da opinião pública. Essa estratégia ideológica é importante no sentido de enfraquecer a pressão popular sobre o Congresso e mobilizar os setores conservadores de direita no empreendimento do golpe. Essa mobilização da opinião pública é exemplificada nesse fragmento, ainda do mesmo artigo: “também agora se faz necessária a arregimentação da opinião pública em defesa do regime e das instituições democráticas”. É a busca de mobilização para ação, mas no sentido de manter, de conservar as relações assimétricas de poder, através do regime de exclusão e das instituições que buscam barrar as Reformas e manter privilégios, ou seja, é um discurso ideológico.

A contracapa da *Última Hora* traz publicado o artigo de Paulo Francis: “Direita Quer Parar a História” o qual possui um sentido totalmente diverso do artigo de Arlindo Pasqualini sobre “OS HOMENS BONS”; mas, ambos tratam, majoritariamente, do pronunciamento de Auro de Moura Andrade no Congresso. Francis escreve:

Ouvi o discurso do Senador Auro Moura Andrade, transmitido em cadeia nacional, a pedido do Legislativo, como suposto antídoto à fala do Presidente no Comício. Duvido de que alguém tenha ouvido até o fim as vagezas pomposas do Presidente do Senado: sua voz é de galã de novela de rádio, seu ‘estilo’, puro ‘Reader’s Digest’, suas intenções, a deposição do Presidente da República, se possível, pois Auro deixa várias ‘portas abertas’ em frases de sintaxe imprecisa, que, analisadas, significam: ‘A gente precisa também pensar no pêlo da gente’, pensamento não muito profundo ou sublime, mas, por certo, comum a todos os ‘democratas’ do cofre público.

A diferença de sentido atribuído ao discurso de Moura Andrade e a relação implícita de aprovação - Folha da Tarde - e desaprovação - Última Hora - são extremamente marcantes em cada um dos artigos. Paulo Francis utiliza a expressão “vaguezas pomposas” de uma forma pejorativa ao se referir ao pronunciamento; de forma irônica, afirma que a voz do Presidente do Senado “é de galã de novela de rádio” e o acusa como tendo intenções de depor o Presidente da República. Arlindo Pasqualini, ao contrário, afirmou em seu artigo que “O apêlo do Senador chega a ser comovente”, além de tomar emprestada a expressão “homens bons” para conclamar a opinião pública em favor da campanha promovida contra Jango. A frase “A gente precisa também pensar no pêlo da gente” explicita a defesa dos interesses pessoais e de classe por parte dos integrantes do Congresso brasileiro no texto de Francis, ao invés de apresentá-los como “os homens bons” defensores do bem e, portanto, inquestionáveis, no texto de Pasqualini.

O texto da *Última Hora* prossegue da seguinte maneira: “A posição política (pública, repito) da direita é a seguinte: a Constituição é intocável. A frase é uma contradição em termos, pois significaria a parálise histórica”. Essa afirmação parece ser uma resposta à acusação, já observada na Folha da Tarde, das forças de esquerda e de Jango pretenderem “rasgar” a Constituição ou promover um golpe. O autor parece explicar essa acusação ao afirmar que “O País já teve diversas Cartas Magnas, formuladas em resposta a realidades como Império, República, Revolução de 30 (em 1934), Estado Novo e 1946”. Ele busca questionar a estratégia ideológica da *eternalização*, na qual a direita apresenta a Constituição e o Congresso como imutáveis; e esse questionamento é realizado através da ênfase atribuída ao caráter histórico dessas construções sociais, dos seus processos de criação, modificação e, até mesmo, substituição.

Na página 4 da Última Hora, é publicada a manchete: “CARUSO: IMPEACHMENT É DESAFIO AO POVO”, a qual traz depoimentos do deputado do PTB João Caruso. Essa reportagem traz novamente uma posição em defesa de Jango em forma de resposta às acusações da direita, como as anteriormente analisadas nas páginas da *Folha da Tarde*. Logo abaixo do título, ainda de forma destacada, em negrito, é citado um trecho do depoimento:

Francamente não creio que as forças conservadoras do Congresso, tentem, sériamente, a decretação do ‘impeachment’ contra o Presidente da República. Falta senso a essa hipótese, que só poderia revelar um raciocínio desvairado, que as velhas rapôças da política nacional não teriam interesse em acolher.

Note-se que a possibilidade de impeachment é apresentada como descabida e sem justificativa, que aqueles que a defendem são apresentados como “forças conservadoras”, uma expressão pejorativa, segundo a perspectiva da *Última Hora*. Lembrando que “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria próprio no sentido de estar preso

a sua literalidade”⁵⁰ e, além disso, elas mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. A característica conservadora é importante para a *Folha da Tarde*, de uma forma explícita perante a opinião pública, para conservar a democracia, a constituição e as instituições; e, de forma velada, o conservadorismo é importante para manter os privilégios decorridos das relações assimétricas de poder, ou seja, através das desigualdades. Em relação à *Última Hora*, como é possível constatar na leitura dos editoriais e da reprodução de discursos dos aliados de Jango, a característica explícita, perante a opinião pública, é que os conservadores desejam manter essas relações e essas desigualdades, por isso eles são as “velhas rapôsas da política nacional”.

Posteriormente, a *Última Hora* cita mais um trecho do depoimento do deputado sobre a tentativa de impeachment:

o que se pretendeu, falando nêle, foi apenas algum efeito perante a opinião pública. Afinal de contas, que crime cometeu o Presidente da República? O de ter comparecido a um comício? O de ter sua manifestação agradado e sido aplaudida por todos os que neste País clamam pela reforma de nossas estruturas? Ou o de ter declarado que o Congresso precisa fazer as reformas e apelado para que as faça?

É possível observar que o jornal, através da publicação do depoimento do deputado, busca esclarecer as acusações empreendidas pelos setores conservadores, juntamente com grande parte da imprensa, de que o Presidente estaria disposto a fechar o Congresso ou “rasgar” a Constituição.

Durante a leitura da *Última Hora*, foi possível observar que ela não apresenta as acusações presentes nos depoimentos dos opositores de Jango, ela não abre espaço para seus depoimentos. Essas acusações são compreendidas nas páginas do periódico juntamente com a defesa dos apoiadores do Presidente e das Reformas de Base. A *Folha da Tarde*, ao contrário, apresenta essas acusações de forma recorrente através dos artigos e dos depoimentos dos opositores de Jango e das forças de esquerda, e não abre espaço para seus defensores.

Na mesma página da *Última Hora* em que é apresentado o pronunciamento do deputado petebista, outra manchete que anuncia apoio a Jango é publicada: “DIRIGENTES CIVIS FEDERAIS ESTÃO SOLIDÁRIOS COM JANGO”. Os esclarecimentos e defesas das atitudes de João Goulart são reproduzidos pelo jornal juntamente com o manifesto do Comando Feminino Trabalhista.

A edição do dia 20.03.1964 da *Folha da Tarde* publicou em letras destacadas, no topo da página 6, a manchete sobre o acontecimento do dia anterior: “MARCHA PELA LIBERDADE EM SP CONCENTROU 1 MILHÃO DE PESSOAS”. É importante, já no nível de título,

⁵⁰ PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 161.

observar a ênfase e a importância atribuída pelo jornal ao evento da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, através do destaque dado ao número de participantes. Conforme foi analisado anteriormente, o jornal não fez menção nem a um número aproximado de participantes do Comício da Central, afirmando que o mesmo contou com “enorme afluência de populares”.

O autor afirma que a Marcha acabou com uma “concentração onde foi lido o manifesto das senhoras paulistas verberando os que querem entregar o Brasil cristão aos comunistas”. O jornal acredita, ou faz acreditar, que existem pessoas que querem entregar o Brasil cristão aos comunistas, pois esta é uma interpretação realizada pelo próprio periódico. Além disso, é criada uma tensão, uma oposição entre os termos cristão e comunista; ou seja, de acordo com a posição ocupada pelo periódico, é possível afirmar que cristão significa o bem, o que se deve manter e, comunista, o mal, aquilo que as senhoras buscam evitar.

Posteriormente, o jornal afirma que o presidente da Câmara recebeu um roteiro sobre a motivação da Marcha e publicou-o na íntegra. Essa postura difere da característica de ser apenas um noticiário sobre o acontecimento para apresentar-lhe suas motivações, razões ou explicações. Em relação ao Comício da Central, a *Folha* apresentou-o através do distanciamento de um relato, apresentando, inclusive, seus incidentes e opositores.

O roteiro inicia da seguinte maneira: “Ameaçado e provocado em ato público, o povo do Brasil reage e vai à rua afirmar seu civismo.” O modo de operação ideológica da *unificação*, através da expressão “povo” busca omitir as relações de interesses dos setores conservadores da sociedade brasileira que podem ser ameaçados, apresentando como se a ameaça e provocação fossem dirigidas a todo o “povo”. Essa *unificação* opera através de uma motivação construída, nesse caso, a ameaça e a provocação em ato público, ou seja, no Comício da Central.

O texto prossegue: “O povo não admite que entidades subversivas sejam patrocinadas pelos homens públicos que juraram defender a Constituição. O povo não aceita que comícios com lideranças comunistas sejam protegidos pelas Forças Armadas.” Nesse trecho, a expressão entidades subversivas não é especificada, provocando lacunas as quais exercem grande importância no discurso ideológico, conforme foi apontado por CHAUI e já exposto anteriormente. As entidades subversivas podem referir-se, segundo o sentido criado no manifesto, a qualquer organização que luta pelas Reformas de Base, pela diminuição das desigualdades. O modo de operação ideológica de deslocamento é utilizado ao referir-se ao fato de haver o apoio à segurança do Comício por parte das Forças Armadas, mas o manifesto aponta para a segurança de lideranças comunistas. Esses deslocamentos de sentido, embora possam parecer pequenos, provocam grandes diferenças na formação da opinião pública.

O manifesto prossegue afirmando que:

O povo repudia a mensagem presidencial ao Congresso que ameaça a Constituição e o

Congresso Nacional. O povo se levanta em defesa da sua fé cristã, menosprezada pelo próprio Presidente da República, com sua referência ao rosário, que simboliza a fé católica. O povo se une em defesa da legalidade, da liberdade e da fé.

A operação de *deslocamento* de sentido realizada pelo periódico transforma a solicitação, por parte do Executivo, da aprovação de uma emenda à Constituição para possibilitar o progresso das Reformas de Base, em uma ameaça à Constituição e ao Congresso. Em relação à segunda frase, o manifesto faz referência à manifestação de Jango no Comício, quando afirmou: “também os rosários não podem ser levantados contra o povo”, ou seja, contra os interesses da maioria. O texto retoma seu discurso no sentido de afirmar que a fé cristã foi ameaçada pelo Presidente da República.

O manifesto termina da seguinte forma:

O povo defenderá com a própria vida o progresso da democracia que conquistou, e não permitirá o regresso da ditadura. O povo esmagará pela união cívica de todos os brasileiros a subversão que ameaça seu progresso. Ele vai realizar este progresso dentro da ordem e da lei, repudiando subserviência, assim como doutrinas estrangeiras. Para edificar a democracia brasileira baseada no civismo, e torná-la sempre mais autêntica, mais justa e mais próspera, o povo apoiará todas as medidas legais capazes de acelerar o processo de seu desenvolvimento social, econômico e cultural. Marchemos com Deus, pela Liberdade.

Esse trecho aponta para as *oposições* já manifestadas anteriormente como, por exemplo, a democracia, união cívica, ordem, lei, e medidas legais, por um lado, representando os valores defendidos pela Marcha, e ditadura, subversão, doutrinas estrangeiras (leia-se, comunismo) defendidos no Comício, de acordo com o ponto de vista dos organizadores da Marcha e endossado pela *Folha da Tarde*. Além disso, o jornal reproduziu na íntegra o manifesto das “senhoras” da Marcha, e não fez a mínima menção a incidentes nem a manifestação de opositores. Já em relação ao Comício anteriormente analisado, embora o jornal tenha reproduzido grandes trechos do pronunciamento de Jango, ele o antecedeu, com destaque, os incidentes e as manifestações dos opositores do evento.

Na mesma página da *Folha da Tarde* onde consta a manchete sobre o Comício, é publicada outra manchete sobre um manifesto do partido da UDN: “UDN EM PROCLAMAÇÃO À NAÇÃO CRITICA GOULART E PREGA UNIÃO PARA DEFESA DAS INSTITUIÇÕES”. O jornal, da mesma forma como fizera com o manifesto das “senhoras” da Marcha, reproduziu na íntegra o manifesto da UDN contendo um ataque explícito e sistemático a Jango, principalmente devido ao Comício do dia 13: “O comício realizado no Rio de Janeiro, no dia 13 do corrente, que o Sr. João Goulart presidiu, entre clamores e cartazes subversivos, foi o ponto de partida da marcha organizada contra o sistema constitucional e as instituições democráticas”.

É recorrente no manifesto udenista a acusação da tentativa de golpe por parte de João Goulart, da ameaça da imposição de “projetos de inspiração suspeita e incompatíveis com as

bases de regime”, da progressão dos “movimentos da guerra revolucionária”, da infiltração da “dominação comunista”, da instalação de um “regime totalitário supressivo da liberdade”. No entanto, o manifesto não ignora a aceitação e reivindicação das Reformas de Base por parte de amplas parcelas da população, afirmando que:

Quanto a nós, pode a nação confiar em que não faltaremos com o nosso apoio, a quaisquer iniciativas que, respeitadas as nossas tradições cristãs e democráticas, visem ao acesso da massa camponesa a posse e a propriedade da terra por meio da reforma agrária, ou a tornar efetivo o direito à casa própria às populações das cidades, com a reforma urbana.

O discurso ideológico opera através da estratégia de *compatibilização* no momento em que descaracteriza e desloca as diferenças de interesses existentes entre as forças de esquerda e as de direita. Ele busca convencer sobre a compatibilidade de interesses, posto que a direita não pode ignorar as reivindicações das esquerdas cada vez mais aceitas pela população, assim como o próprio governo federal busca essa idéia de *compatibilização* para evitar a reação da direita. A diferença de interesses decorrentes das relações assimétricas de poder é ocultada nesse tipo de discurso.

Ainda na mesma página da *Folha*, outra manchete sobre os opositores de Jango é publicada: “LACERDA NÃO ENVIU CARTA AOS GOVERNADORES DO ESQUEMA PRESIDENTE JG”. O texto refere-se a uma carta na qual Carlos Lacerda comunica que “guerra revolucionária foi deflagrada no País por meio de uma pressão a pretexto de reformas” e que foi encaminhada aos governadores, com exceção de Seixas Dória (Sergipe), Badger da Silveira (Rio) e Miguel Arrais (Pernambuco). O próprio título escolhido pelo jornal aponta a acusação do “esquema JG”, atribuindo um sentido negativo que corrobora a acusação de conspiração e golpe.

Na página 7, a *Folha da Tarde* publica outra manchete de oposição a Jango: “EX-PRESIDENTE DUTRA PEDE UNIÃO DE TODOS OS DEMOCRATAS”. O pronunciamento de Eurico Gaspar Dutra foi reproduzido na íntegra pelo jornal e o trecho a seguir é significativo para a expressão dos interesses da direita: “O regime tem remédio natural e certo para todos os nossos problemas, inclusive os da autêntica Justiça social”. Ou seja, é preciso manter o regime da forma como está, pois ele tem remédio natural e certo, qualquer manifestação que busque alterá-lo é taxada como “subversão” ou “comunista”.

O jornal confere ênfase ao apoio recebido pelo locutor. Afirmou que o governador Carlos Lacerda realizou uma visita a Dutra por cerca de 3 horas, na qual “foram traçados planos visando o lançamento de uma campanha para fortalecimento do regime”. Mas não foi apenas Lacerda que manifestou apoio, ainda, segundo o jornal, o número de manifestações individuais em apoio ao pronunciamento atingiu a “centenas”.

Toda a página 7 da *Folha da Tarde* apresenta manchetes sobre ataques empreendidos por

opositores de Jango. Abaixo da manchete sobre o depoimento de Dutra, consta a informação de que “OFICIAIS DA RESERVA FARÃO MANIFESTO CONTRA J. GOULART”:

encontra-se em fase de elaboração manifesto de protesto de oficiais da reserva das três Armas, com mais de mil assinaturas já colhidas, contra o fato de o presidente da República haver desrespeitado a Constituição, comparecendo ao Comício do dia 13.

O jornal afirma que o presidente desrespeitou a Constituição ao participar do Comício da Central e, esse julgamento é apresentado como um fato nesse trecho. A própria *Folha* utiliza o modo de operação ideológica de *legitimação* ao realizar tal afirmação, ela justifica e legitima o manifesto dos militares.

No lado esquerdo da página, outra manchete acusa o governo federal: “GUANABARA RECUSA CONVITE DE JUREMA PARA NÃO FAZER DEMAGOGIA COM SAÚDE POPULAR”. A reportagem se refere a um convite do Ministro da Saúde para a participação do Estado num programa de fiscalização de gêneros alimentícios que o Secretário de Saúde da Guanabara recusou-se a participar. O jornal legitima a postura do Secretário através do motivo destacado no título: “para não fazer demagogia com saúde popular”; ou seja, é realizada a acusação implícita de que o governo federal faz esse tipo de demagogia.

Por fim, na mesma página, uma forte acusação é realizada pelo jornal a partir da estratégia da citação de uma reportagem publicada no *Correio da Manhã*: “AMEAÇA ÀS LIBERDADES PRETENDIDO MONOPÓLIO DE PAPEL PARA IMPRENSA”. A *Folha* reproduz o seguinte trecho: “É da mais alta gravidade a notícia de que o govêrno federal vai estabelecer o monopólio estatal da importação e da distribuição do papel para os jornais.” O *Correio da Manhã* afirmou ser grave a notícia, mas não citou quem fez essa afirmação. A partir da hipótese levantada, os dois jornais transformaram uma suspeita ou uma acusação em fato. E, em seguida, conclui-se que “Estão em causa, assim, o próprio destino das instituições, a liberdade de todos e de cada um de nós.”

Na página 11, a *Folha da Tarde* publica o seguinte título: “COMÍCIO CONTRA JANGO SERÁ REALIZADO EM PÔRTO ALEGRE”. O texto inicia da seguinte forma:

De acordo com informações colhidas pela reportagem, é pensamento de líderes políticos que se opõem ao PTB e discordam da linha imprimida pelo presidente João Goulart, realizarem um ato público, destinado a medir prestígio com a anunciada concentração popular na capital, com a presença do Presidente da República.

O jornal não noticia o anúncio da realização de um Comício com a presença do presidente da República em Porto Alegre. Ele informa a previsão do Comício de reação de seus opositores ao anúncio do evento; mesmo sem, antes, publicá-lo. Aqui, a ênfase é dada ao Comício contra Jango e, não ao Comício pró-Jango.

Já a *Última Hora*, na página 13, publica como título: “EMISSÁRIO DOS SINDICATOS FOI OUVIR JANGO: COMÍCIO NO SUL”. O jornal afirma: “Pegou fogo a idéia de realização

de comício em Pôrto Alegre com a presença do Presidente João Goulart”. Diferentemente da Folha da Tarde, a Última Hora noticia o Comício pró Jango. E, além disso, noticia-o de forma a transmitir entusiasmo, ao dizer que “pegou fogo” a idéia de realização do evento.

Na página 6 da *Última Hora*, o artigo de Flavio Tavares informa sobre o Programa da Frente Popular do Governo, o qual “propõe uma reformulação ativa da política econômico-financeira”:

[O] documento de 8 páginas elaborado no Rio, em sucessivos encontros na residência do sr. San Thiago Dantas, por integrantes da Frente Parlamentar Nacionalista, ‘compactos’ do PTB, ‘agressivos’ do PSD e outros parlamentares de esquerda com o conhecimento e o apoio de organizações populares do tipo CGT e PUA.

Primeiramente, o autor apresenta a coligação e a pressão manifestada pelo documento de todos aqueles que buscam alterações no sistema político, econômico e social no sentido de diminuir as desigualdades. Posteriormente, ele cita a manifestação de João Goulart: “explicou o que para êle significa, agora o exercício da pressão popular para informar o Congresso do seu apoio às reformas...”. Dessa forma, o autor apresenta o Presidente como o responsável, simplesmente, pelo encaminhamento das demandas populares; isto é, ele ameniza o caráter, levantado por seus opositores, de ser o responsável pela pressão exercida sobre o Congresso.

Abaixo do artigo de Flavio Tavares, foi publicada a reportagem sobre a presença do Ministro da Fazenda na Europa: “NEY GALVÃO EM PARIS: BRASIL CAMINHA TRANQUÍLO COM JANGO”. O título lembra o *status* do locutor, o qual, devido ao fato de ser reconhecido socialmente como Ministro da Fazenda, ou seja, como uma autoridade, permite apenas a citação de seu nome. E, num segundo momento, esse mesmo título apresenta o objeto do seu discurso como um fato⁵¹ devido à autoridade conferida ao enunciador. O jornal também confere valor ao pronunciamento, em termos de repercussão mundial, ao citar no título o local de onde falou o locutor.

Ao lado da reportagem sobre Ney Galvão, a *Última Hora* publica uma reportagem de mais um apoiador de Jango, o deputado Eloy Dutra, denunciando a ação do IBAD juntamente a parlamentares. Mais ao centro da página, outra manchete contra os opositores de Jango: “Convenção do PSD: Repúdio a Lacerda”. E, ao lado direito, a seguinte manchete: “Estudantes Farão Hoje o Entêrro de Adhemar”. Em relação a esta, o jornal incorpora o sentido da manifestação, ou seja, ele compartilha o ato simbólico do protesto ao apresentá-lo em seu sentido literal no título. Além disso, noticia os arbítrios da polícia do Estado de São Paulo em relação às manifestações dos estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

É importante observar que nenhum dos opositores de Jango teve voz na *Última Hora*, bem

⁵¹ MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 132.

como seus apoiadores na *Folha da Tarde*. No entanto, a *Última Hora*, como fizera a *Folha* em relação ao Comício, reservou um quadro, ainda na página 6, reservado ao noticiário sobre a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. O acontecimento do dia anterior teve ampla repercussão nas páginas da *Folha* ao mesmo tempo em que praticamente fora apenas comentado, de forma bastante pejorativa e insignificante, por parte da *Última Hora*.

O noticiário apresenta como manchete: “Polícia de Adhemar Garante a Marcha Das Famílias Bem”. Assim como a *Folha* conferiu destaque para a presença de integrantes das Forças Armadas no Comício da Central, a *Última Hora* aponta a presença da polícia de Adhemar na Marcha, a preposição “de” confere poder de posse para Adhemar; a polícia, nesse sentido, não é da população ou do Estado, ela não atende aos seus interesses, ela atende ao governador de São Paulo – fato exemplificado na reportagem sobre as manifestações dos estudantes.

A palavra “Bem” não se constitui um atributo de valor que representaria os participantes da Marcha ou a legitimidade de suas reivindicações conforme estabelecido na *Folha da Tarde*. A *Última Hora* a utiliza de forma, até mesmo irônica, para afirmar que a polícia garantiu bem a Marcha. Esse sentido negativo é reforçado no final do noticiário através da ênfase atribuída a um “incidente” em que um manifestante acabou sendo preso pelo fato de gritar: “Vocês são pelas reformas desde que elas sejam feitas por vocês mesmo, contra nós, os trabalhadores.”

O jornal inicia o texto apresentando os gritos de guerra realizados pelos integrantes da Marcha: “Um, dois, três, Brizola no xadrez” e “tirem seu dinheiro do banco”, afirmando que esses seriam os brados de “alguns milhares de paulistas” que promoveram a Marcha “numa tentativa de réplica ao comício de 200 mil pessoas do último dia 13 na Guanabara”. Note-se a diferença de sentido atribuído em relação ao número de participantes da Marcha: enquanto a *Folha* destaca a participação de 1 milhão de participantes, a *Última Hora* afirma a presença de “alguns milhares de paulistas”. O aspecto agressivo e infundado dos gritos também é explorado pelo jornal, diferentemente do aspecto explorado pela *Folha* sobre a postura de “defesa” pretensamente assumida pelos mentores e integrantes da Marcha. Além disso, de acordo com a *Última Hora*, a Marcha não chegou a se constituir uma réplica ao Comício, ela foi apenas uma “tentativa”.

O texto prossegue da seguinte forma: “Porta-vozes contratados pelos mentores da marcha, procuravam agitar o ambiente, afirmando nos alto-falantes que hoje o Presidente da República iria mandar congelar os fundos bancários com o intuito evidente de provocar corrida no sistema bancário”. O jornal apresenta os manifestantes como “contratados”, eles não estariam manifestando uma opinião pública como os integrantes do Comício e, além disso, ele assume a postura de acusação de tais ações ao afirmar que os mesmos “procuravam agitar o ambiente” e seu intuito era “provocar corrida no sistema bancário”. O periódico extrapola o nível do

noticiário de um acontecimento, assim como o fez a *Folha*. Mas, diferentemente desta, que apresentou a motivação dos participantes como legítima, a *Última Hora* fez o contrário, *deslegitimou* o evento.

Posteriormente, a *Última Hora* acusa o IBAD por ter distribuído “mais de 130 mil panfletos de ataque ao Presidente da República” e “Apurou-se que a propaganda da concentração e o transporte dos participantes foram financiados por um grupo de industriais paulistas”. Nesse ponto, há uma diferença importante entre um jornal e outro, a *Folha* omite as relações existentes entre as forças de direita, as trocas de favores, os auxílios financeiros e políticos; a *Última Hora* as denuncia freqüentemente em diversas reportagens, inclusive sobre a Marcha.

O fragmento a seguir reforça o sentido criado pela *Última Hora* para esvaziar o caráter de participação popular no evento, de não apresentá-lo como manifestação da vontade popular – postura bem diversa a da *Folha*:

a grande multidão que chegou a ser vista em algumas partes do centro da cidade não participou da manifestação, limitando-se curiosamente a permanecer nas calçadas. Vibração popular só se registrou entre algumas mulheres, lideradas pelas espôas do presidente da Sociedade Rural Brasileira e do proprietário do jornal ‘Estado de São Paulo’.

A *Última Hora* noticiou o Comício principalmente através dos depoimentos dos apoiadores de Jango e das Reformas de Base, não citou incidentes, apenas a campanha da direita para impedir o andamento das mesmas, além disso, não conferiu voz aos opositores. Em relação à Marcha, o jornal não chega nem a distanciar-se na crítica ao evento através de seus opositores, ele realiza a crítica diretamente através de sua própria voz. Além disso, o jornal apaga o caráter popular da Marcha, apresenta as manifestações contrárias e aponta para as relações financeiras de poder entre os mentores e financiadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornais analisados construíram sentidos diversos a partir de formas simbólicas criadas ao longo da cobertura de dois eventos distintos que ocorreram no mesmo momento histórico, ou seja, o período que antecedeu ao golpe civil-militar. Espero ter contribuído para esclarecer os cinco aspectos⁵² que caracterizam as formas simbólicas construídas pelos periódicos estudados em relação aos eventos noticiados.

Em primeiro lugar, espero ter colaborado para a compreensão do seu aspecto *intencional*, visto que elas “*são expressões de um sujeito para um sujeito (ou sujeitos)*”⁵³. Para isso, apresentei a escolha de qualificações opostas destinadas a caracterizar os mesmos eventos. O Comício da Central e as manifestações em geral das forças de esquerda, foram apresentados como um sinal de alarme às classes conservadoras pela *Folha da Tarde*, enquanto a *Última Hora* o apresentava como um momento de otimismo e de motivação para o prosseguimento das Reformas de Base. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi apresentada com destaque e euforia pela *Folha da Tarde* enquanto a *Última Hora* a apresentava como alerta de união dos grupos conservadores em direção ao golpe. O caráter ideológico está presente nesse aspecto intencional das formas simbólicas manipuladas pelo jornal, pois, os sentidos criados a partir delas buscam intervir na opinião pública no sentido de direcionar a sua prática social.

Em segundo lugar, pretendi demonstrar o aspecto *convencional* das formas simbólicas construídas, pois “*a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos, ou convenções de vários tipos.*”⁵⁴ Essas convenções foram abordadas na forma, muitas vezes imprecisas, com que os jornais noticiaram os eventos. Essas lacunas e imprecisões, conforme foi visto no decorrer do trabalho, são elementos importantes para construir determinados sentidos para o leitor, são características do discurso ideológico, conforme apontado anteriormente.

Em terceiro lugar, espero ter demonstrado o aspecto *estrutural* das formas simbólicas, visto que elas “*são construções que exibem uma estrutura articulada*”⁵⁵, ao demonstrar a forma como os conteúdos foram articulados nas páginas e nas próprias edições dos jornais, na forma como foram escritas as manchetes e relacionadas umas às outras. Enfim, espero ter demonstrado que a

⁵² THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁵³ Idem, p. 183-184.

⁵⁴ Idem, p. 185.

⁵⁵ Idem, p. 187.

construção do sentido está ligada à estrutura do jornal, ao encadeamento e sistematização do seu conteúdo e que a ideologia, para se manifestar, depende da forma de organização dessa estrutura.

Em quarto lugar, o aspecto estudado foi o *referencial*, ou seja, as formas simbólicas “são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa.”⁵⁶ Conforme visto, a ideologia manifesta-se no discurso ao ocultar ou deslocar determinadas relações entre as expressões e seus referentes. Dessa forma, procurei demonstrar a relação existente entre eles e as alterações de sentido criadas pelos periódicos. A palavra *golpe*, por exemplo, era utilizada pela *Folha da Tarde* ao referir-se às manifestações dos grupos de esquerda, enquanto a *Última Hora* utilizava a mesma denominação ao se referir às coligações estabelecidas pelos grupos de direita.

Por fim, e em quinto lugar, espero ter trabalhado suficientemente o aspecto *contextual* das formas simbólicas, pois elas “*estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos, dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas.*”⁵⁷ Dessa forma, espero que o “lugar” ocupado pela instituição jornalística tenha ficado claro na análise de seu conteúdo. Este “lugar”, expresso no corpo do jornal, reflete o contexto sócio-histórico ao qual ele está intrinsecamente ligado, ou seja, o momento de crise de autoridade, a polarização entre as propostas da direita e da esquerda. Por outro lado, essa escrita, através do sentido estabelecido pelas formas simbólicas, interfere diretamente na interpretação de determinados acontecimentos perante a opinião pública. E, por isso, a ideologia manifesta-se nesses discursos, interpelando os sujeitos a intervir, através de sua ação, no contexto da época.

⁵⁶ Idem, p. 190.

⁵⁷ Idem, p. 192.

FONTES

Jornal Última Hora:

- Edição de 14/03/1964 (Museu da Comunicação Hipólito José da Costa);
- Edição de 20/03/1964 (Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

Jornal Folha da Tarde:

- Edição de 14/03/1964 (Arquivo da Companhia Caldas Júnior);
- Edição de 20/03/1964 (Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALVES, Alaôr Café. *Estado e ideologia: aparência e realidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. REVISTA PUC. Projeto História. *Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa*. São Paulo: PUC, n. 35, dez. 2007.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: DELGADO, Lucilia A. N.; FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano: O Tempo da Experiência Democrática*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GALVANI, Walter. *Olha a Folha: amor, traição e morte de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

HOHLFELDT, Antonio. BUCKUP, Carolina. *Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Vários tradutores. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.